

Os Outros Deuses – H. P. Lovecraft

No topo do mais alto dos picos terrestres habitam os deuses da terra, e homem algum ouse dizer que os viu. Eles já habitaram picos mais baixos, mas os homens das planícies acabavam escalando as encostas de pedra e neve empurrando os deuses para montanhas cada vez mais altas, até que agora só lhes resta a última delas. Conta-se que quando deixaram seus velhos picos levaram consigo todas as marcas de sua presença, exceto uma vez em que teriam deixado uma imagem esculpida na face da montanha a que chamavam Ngranek

Mas agora eles se foram para a desconhecida Kadath na vastidão fria que homem nenhum percorre, e se tornaram inflexíveis, já não tendo um pico mais alto para onde fugir com a chegada dos homens. Ficaram inflexíveis, e se antes permitiam que os homens os desalojassem, agora proíbem os homens de ali chegar; ou, tendo chegado, de partir. É bom que os homens nada saibam de Kadath na vastidão fria, caso contrário tentariam imprudentemente galgá-la.

As vezes, saudosos, os deuses da terra visitam, nas noites serenas, os picos onde costumavam viver, e choram mansamente enquanto tentam se divertir à moda antiga nas lembradas encostas. Os homens sentiram as lágrimas dos deuses sobre a nevada Thurai, embora tenham pensado que fosse chuva; e ouviram os suspiros dos deuses nos lamuriosos ventos matinais de Lerion. Em embarcações de nuvens, os deuses costumam viajar, e aldeões sábios conhecem lendas que os levam a se afastar de certos altos picos, à noite, quando o tempo está nublado, pois os deuses já não são afáveis como antigamente.

Em Ulthar, que fica além do rio Skai, habitava certa vez um velho ansioso para encontrar os deuses da terra, um homem profundamente versado nos sete livros crípticos da terra e familiarizado com os *Manuscritos Pnakóticos* da distante e gélida Lomar. Seu nome era Barzai, o Sábio, e os aldeões contam como ele escalou unia montanha na noite do estranho eclipse.

Barzai sabia tanto sobre os deuses que poderia contar suas idas e vindas, e adivinhava tantos de seus segredos que ele mesmo se considerava meio divino. Foi ele quem sabiamente aconselhou os burgueses de Ulthar quando aprovaram sua extraordinária lei contra a matança de gatos, e quem primeiro contou ao jovem sacerdote Atal para onde vão os gatos pretos na meia-noite da Véspera de São João. Barzai era versado no conhecimento dos deuses da terra, e ficara obcecado pelo desejo de ver suas faces. Acreditando que seu grande conhecimento secreto dos deuses o protegeria de sua ira, resolveu subir ao topo da alta e rochosa Hatheg-Kla numa noite em que os deuses ali estariam.

Hat heg-Kla fica distante, no deserto pedregoso além de Hat heg, que lhe emprestou o nome, erguendo-se como uma estátua de pedra num templo silencioso. Ao redor de seu cume esvoaçam brumas eternas e tristes, pois as brumas são as memórias dos deuses, e os deuses amavam Hat heg-Kla quando ali habitavam em tempos antigos. Frequentemente, os deuses da terra visitam Hat heg-Kla em suas embarcações de nuvens, espalhando pálidos vapores sobre as encostas enquanto dançam evocativamente sobre o cume, imersos no clarão do luar. Os aldeões de Hat heg dizem que é perigoso escalar Hat heg-Kla em qualquer momento, e mortal escalá-la à noite, quando pálidos vapores ocultam o cume e a lua. Mas Barzai não lhes deu atenção ao chegar à vizinha Ulthar com o jovem sacerdote Atal, seu discípulo. Atal era apenas o filho de um estalajadeiro e às vezes era tomado pelo medo, mas o pai de Barzai tinha sido um landgrave habitante de um antigo castelo, não trazendo, pois, nenhuma superstição popular em seu sangue, e apenas riu-se dos assustados aldeões.

Barzai e Atal dirigiram-se então para Hat heg, no deserto pedregoso, apesar dos rogos dos camponeses, onde conversavam, sobre os deuses terrestres, à noite, acampados ao lado de suas fogueiras. Viajaram durante muitos dias até avistarem, ao longe, a imponente Hat heg-Kla com sua auréola de brumas plangentes. No décimo terceiro dia, alcançaram a solitária base da montanha, e Atal falou de seus temores. Mas Barzai era velho e versado, e não tinha medo, por isso abriu caminho impavidamente, subindo a encosta que homem algum havia escalado desde os tempos de Sansu, de quem se fala com pavor nos mofados *Manuscritos Pnakóticos*.

O caminho era rochoso e ameaçado por precipícios, penhascos e desmoronamento de rochas. Mais tarde, o tempo ficou trio e nevoento. Barzai e Atal frequentemente escorregavam e caíam enquanto desbastavam e progrediam penosamente com a ajuda de bastões e machadinhas. Finalmente o ar foi se rarefazendo, o céu mudou de cor, e os alpinistas encontravam dificuldade para respirar, mas continuavam subindo e subindo, arduamente, embevecidos com a estranheza do cenário e arrepiando-se com a idéia do que aconteceria no cume quando a lua saísse e os pálidos vapores o rodeassem. Durante três dias eles subiram, cada vez mais para o alto, rumo ao teto do mundo; então acamparam para esperar o toldamento da lua pelas nuvens.

Durante quatro noites nenhuma nuvem apareceu e a gélida lua brilhou através da tênue névoa plangente que rodeava o silencioso píncaro. Então, na quinta noite, que era a noite da lua cheia, Barzai avistou longínquas nuvens densas ao norte, e postou-se de pé, com Mal, assistindo a sua aproximação. Densas e majestosas elas deslizavam, avançando lentamente, deliberadamente, espalhando-se ao redor do alto cume acima dos observadores e toldando-lhes a visão da lua e do pico. Durante uma demorada hora, os dois espectadores ficaram observando o turbilhão de vapores e o véu de nuvens que se adensava incessantemente. Banal era versado no conhecimento dos deuses da terra e ficou atento para escutar certos sons, mas Atal sentiu o calafrio dos vapores e o pavor da noite, assustando-se ainda mais. E, quando Barzai reencetou a subida e acenou vivamente para ele, Atal demorou a segui-lo.

Tão densas eram as brumas que o caminho era árduo, e embora Atal finalmente o seguisse, mal conseguia enxergar a forma acinzentada de Barzai na sombria encosta acima sob o enevoadado luar Barzai avançava penosamente, muito à frente, e a despeito de sua idade, parecia subir mais facilmente que Atal, sem temer a inclinação do terreno que começam a ficar íngreme demais para alguém que não fosse muito forte e ousado, nem se deter diante das largas fendas negras que Atal mal conseguiria saltar. E assim prosseguiram, galgando freneticamente rochas e precipícios, escorregando e caindo, e ocasionalmente se assombrando com a vastidão e o terrível silêncio dos tenebrosos picos gelados e dos silenciosos abismos de granito.

De repente, Barzai sumiu da vista de Atal ao escalar um terrível penhasco que parecia se projetar para a frente bloqueando a passagem de qualquer alpinista não inspirado pelos deuses terrestres. Atal estava muito abaixo, planejando o que deveria fazer quando chegasse ao local, quando percebeu, intrigado, que a luz tinha ficado mais intensa, como se o desnublado pico e o enluarado ponto de encontro dos deuses estivessem muito próximos. E enquanto se arrastava para o rochedo saliente e o céu iluminado, sentiu calafrios mais assustadores do que jamais sentira. Ouviu então, através das altas brumas, a voz de Barzai gritando, ensandecido de encanto:

“Eu ouvi os deuses. Eu ouvi os deuses da terra cantando festivamente em Hatheg-Kla! As vozes dos deuses da terra são conhecidas por Barzai, o Profeta! As névoas se abrem e a lua brilha, e verei os deuses dançando freneticamente sobre a Hatheg-Kla que amavam em sua juventude. A sabedoria de Barzai tornou-o maior que os deuses terrestres e contra sua vontade, suas magias e obstáculos não contam. Barzai verá os deuses, os orgulhosos deuses, os secretos deuses, os deuses da terra que se esquivam da vista humana!”

Atal não conseguia ouvir as vozes que Barzai escutava, mas agora, próximo do rochedo saliente, esquadrihava-o à procura de apoios para os pés. Foi quando ouviu a voz de Barzai, mais alta e esganiçada:

“A névoa está muito fina e a lua lança sombras sobre a encosta; as vozes dos deuses terrestres são altas e selvagens, e eles temem a vinda de Barzai, o Sábio, que é maior do que eles... O clarão da lua estremece enquanto os deuses da terra dançam contra ele; verei as formas dançantes dos deuses que saltam e uivam ao luar.. A luz escureceu e os deuses estão com medo...”

Enquanto Barzai gritava essas coisas, Atal sentiu uma mudança espectral no ar, como se as leis da terra estivessem se curvando a leis maiores, pois embora o caminho fosse mais íngreme do que nunca, a ascensão se tornara assustadoramente fácil e o rochedo saliente mostrou-se um obstáculo risível quando ele o alcançou e se arrastou perigosamente para cima, percorrendo sua superfície convexa. O clarão da lua misteriosamente desaparecera, e quando Atal mergulhou nas brumas superiores, ouviu Barzai, o Sábio, guinchando nas trevas:

“A lua escureceu e os deuses dançam dentro da noite: há terror no céu, pois sobre a lua desceu um eclipse não previsto em nenhum livro dos homens ou dos deuses terrestres... Paira uma magia desconhecida em Hatheg-Kla, pois os gritos dos assustados deuses transformaram-se em risos, e as encostas de gelo se lançam interminavelmente aos negros céus para onde mergulho... Ei! Ei! Enfim! Na pálida luz, eu vejo os deuses da terra!”

Atal, deslizando agora vertiginosamente para o alto sobre precipícios inconcebíveis, ouviu então, na escuridão, um riso apavorante misturado com um grito como homem algum jamais ouvira exceto no *Phlegethon* dos pesadelos indescritíveis um grito em que reverberavam o horror e a angústia de toda uma vida fabulosa condensados num instante atroz:

“Os outros deuses! Os outros deuses! Os deuses dos infernos exteriores que guardam os frágeis deuses terrestres!... Desvie o olhar... Volte.... Não olhe! Não olhe! A vingança dos abismos infinitos... Este maldito, funesto abismo... Piedosos deuses da terra, estou caindo no céu!”

E enquanto Atal, de olhos cerrados e ouvidos tapados tentava saltar para baixo, vencendo a pavorosa sucção das alturas desconhecidas, ressoou em Hatheg-Kla aquele fabuloso estrondo de trovão que acordou os pacatos aldeões das planícies e os honestos burgueses de Hatheg, Nir e Ulthar, e levou-os a avistar, por entre as nuvens, o estranho eclipse da lua que nenhum livro havia previsto. E, quando a lua finalmente apareceu, Atal estava a salvo sobre as neves inferiores da montanha sem nenhum vislumbre dos deuses terrestres ou dos outros deuses.

Está contado nos mofados *Manuscritos Pnakóticos* que Sansu nada encontrou exceto rochas mudas e gelo quando escalou Hatheg-Kla, na juventude do mundo. No entanto, quando os homens de Ulthar, Nir e Hatheg venceram seus temores e galgaram os assombrados precipícios à luz do dia em busca de Barzai, o Sábio, encontraram gravada na pedra nua do cume um curioso e ciclópico símbolo com cinqüenta cúbitos de largura, como se a rocha tivesse sido riscada por algum titânico cinzel. E o símbolo era igual a um que os estudiosos tinham identificado naquelas partes assustadoras dos *Manuscritos Pnakóticos* que eram antigas demais para serem lidas. Isto foi o que encontraram.

Barzai, o Sábio, eles nunca acharam, nem pôde o santo sacerdote Atal ser jamais persuadido a orar pelo descanso de sua alma. Mais ainda, daquele dia em diante, os moradores de Ulthar, Nir e Flatheg temem os eclipses e rezam, à noite, quando pálidos vapores ocultam o cume da montanha e a lua. E acima das brumas que envolvem Hatheg-Kla, os deuses terrestres às vezes dançam saudosos, pois sabem que estão seguros, e amam vir da desconhecida Kadath em embarcações de nuvens e brincar à moda antiga como faziam quando a terra era jovem e os homens não se atreviam a galgar lugares inacessíveis.